

CRIATIVIDADE

PELA JUSTIÇA DE GÊNERO



Realização:



Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil



CRIATITUDE

PELA JUSTIÇA DE GÊNERO

Apoio:



Realização:



APRESENTAÇÃO

Desde 2012, quando o “Mês de missão da JE” passou a ser chamado de CRIATITUDE, ano a ano, apresentamos um subsídio que envolve reflexão e ações a serem desenvolvidas, principalmente, pelos grupos de JE. Este é um material elaborado para os grupos de JE nos sínodos, paróquias e comunidades da IECLB, cuja proposta é envolver toda a Igreja em ações criativas que transformem realidades.

Neste ano, apresentamos a “Cartilha CRIATITUDE – Pela Justiça de Gênero”, carregadas e carregados de um misto de sentimentos. Orgulhosas e orgulhosos pelo trabalho desenvolvido, no pensar e no elaborar o subsídio e, ao mesmo tempo, apreensivas e apreensivos com as realidades com as quais convivemos no Brasil.

Como seria bom viver em uma sociedade igualitária ao ponto de assuntos tão imprescindíveis como a justiça de gênero não serem mais uma novidade e sim algo presente no cotidiano. Mas ao contrário, o assunto surge de necessidades concretas e urgentes. Violências! Muitas formas de violência! Violência em todos os espaços da nossa sociedade, inclusive na Igreja! A violência que tem como base a desigualdade entre as pessoas, entre homens e mulheres. Desigualdade muitas vezes fundamentada em discursos patriarcais e machistas.

No Conselho Nacional da Juventude Evangélica (CONAJE), decidimos, ainda em 2014, focar nas violências relacionadas diretamente às questões de gênero. Para construir essa cartilha, consolidamos um lindo grupo de trabalho envolvendo, além do CONAJE, o Programa de Gênero e Religião das Faculdades EST, a Fundação Luterana de Diaconia (FLD) e a Secretaria Geral da IECLB, por meio da Coordenação de Gênero, Etnias e Gerações.

Poderia explicar um pouco dos pontos e das violências que são evidenciadas pelos textos que seguem, mas não o faço. A qualidade dos textos, a disposição e a motivação das autoras e dos autores que os escreveram, faz com que eu não me atreva a isso.

Apenas peço: leiam, usem e desfrutem desse material. É contextual, é nosso, é feito para nós. Queremos que a cartilha abra corações e mentes, traga informações e formação para todas e todos. Que seja utilizada pela OASE, pela LELUT, pela JE e demais grupos existentes nas comunidades. Que também sirva como subsídio para liturgias temáticas em cultos e em todos os espaços da Igreja e também fora dela.

Sejamos sal e luz no mundo. Exercemos a voz profética em prol da justiça em todos os âmbitos e neste momento voltemos nossas orações e ações, fundamentalmente, em favor da justiça de gênero.

Fraternalmente,

Rodolfo Fuchs dos Santos

Coordenador do Conselho Nacional da JE

CRIATITUDE – PELA JUSTIÇA DE GÊNERO

Coordenação geral da publicação:

Rodolfo Fuchs – Conselho Nacional da Juventude Evangélica (CONAJE)

Carmem Michel Siegle - Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias da IECLB Simone Voigt – Coordenação do Trabalho com Jovens e Programas de Intercâmbio da Secretaria de Ação Comunitária da IECLB

Marcia Blasi - Programa de Gênero e Religião (PGR) da Faculdades EST

Rogério Oliveira de Aguiar – Assessoria de Projetos da FLD

Ilustrações e diagramação:

Artur Sanfelice Nunes

A cartilha CRIATITUDE – Pela Justiça de Gênero – foi elaborada para grupos de JE nos sínodos, paróquias e comunidades, com a proposta de envolver toda a IECLB em ações criativas que transformem realidades. A decisão de focar no tema das violências relacionadas a questões de gênero foi tomada durante o CONAJE 2014. O grupo de trabalho para organizar e orientar a publicação foi integrado por representantes do CONAJE, da Secretaria Geral da IECLB, por meio da Coordenação de Gênero, Etnias e Gerações, do Programa de Gênero e Religião das Faculdades EST e da Fundação Luterana de Diaconia (FLD).

Julho 2016

O tema do Criatidade 2014 foi tolerância e diversidade - <http://www.luteranos.com.br/textos/criatidade-tolerancia-e-diversidade>. O link http://www.fld.com.br/uploads/publicacoes/Sistematz_Criatidade_2014.pdf é o resultado do Criatidade 2011 + o projeto CRIATITUDE rumo à Rio+20 em 2012

JUVENTUDE E DIACONIA TRANSFORMADORA



As redes sociais, os encontros, as mobilizações, os projetos dão o tom do engajamento ativo da juventude na transformação do mundo. Na IECLB, não é diferente. Muitas são as juventudes que compõem o mosaico da Juventude Evangélica e muitas são também as iniciativas de transformação das relações de exploração, opressão, desigualdade em que ela está engajada. Talvez o que seja ainda novidade é a própria juventude nomear a sua ação como diaconia. Mas, se esta ação está sustentada na amorosidade de Cristo, e se ela se dá num profundo compromisso com a transformação, então, estamos falando, sim, de diaconia.

A capacidade de indignar-se, de posicionar-se, tão viva na juventude, é fundante da diaconia. Compõe a dimensão da denúncia. No âmbito da IECLB, hoje a juventude tem falado sobre diversidade sexual, sobre superação do racismo, sobre democratização da comunicação, entre tantos outros temas.

A capacidade, por sua vez, de agir no mundo para transformá-lo define a dimensão do anúncio de possibilidades cotidianas do viver comprometido com o mandamento do amor. Juntas, as ações de denúncia e de anúncio sustentam a Diaconia Transformadora.

Em 2014, a juventude decidiu que era a hora de falar e agir em favor da justiça de gênero. Antes mesmo de toda a discussão sobre gênero tomar conta das conversas em função dos planos municipais de educação, a Juventude Evangélica já havia definido

que este seria o tema do próximo Criatidade.

Assim, a juventude nos convoca a todos os dias e o dia inteiro vivermos a diaconia também em sua dimensão política, criando espaços para o diálogo, articulando-se com outras juventudes e grupos, posicionando-se publicamente contra aquilo fere a Criação.

Marilu Menezes

Pedagoga e Coordenadora programática na
Fundação Luterana de Diaconia – FLD.

Conheça um pouco mais sobre a definição de Diaconia Transformadora através do link: <http://www.fld.com.br/page/diaconia-transformadora/>

<http://www.luteranos.com.br/conteudo/diaconia-como-acao-transformadora>

<http://www.luteranos.com.br/conteudo/diaconia-em-contexto-transformacao-reconciliacao-empoderamento>

Assista ao vídeo Rede de Comércio Justo e Solidário - Uma iniciativa inovadora da Fundação Luterana de Diaconia - FLD. Uma das finalistas do Prêmio Fundação Banco do Brasil de Tecnologia Social - <https://www.youtube.com/watch?v=m4u7EnjjeK8>

REFLEXÕES SOBRE O TEMA E LEMA DO ANO

Tema: Pela graça de Deus, livres para cuidar

Lema: 'Buscai o bem e não o mal' (Amós 5.14)

O cuidado da criação, as liberdades, as escolhas e as buscas são vividas, violadas e também reprimidas no contexto de nossas vidas. A IECLB propõe essa reflexão como tema e lema do ano de 2016, em conjunto com a Federação Luterana Mundial (FLM), para construir caminhos de diálogos e abordagens para os 500 anos da Reforma, em 2017, e dispõe de recursos visuais, litúrgicos e de aprofundamento temático do tema e do lema. Aqui, seguem algumas reflexões para a liberdade, o cuidado e a profecia de Amós no cotidiano da vida.

Alguns fragmentos do nosso contexto. Somos livres para cuidar! E quem não é, como fica?

A Força que NUNCA Seca

"Já se pode ver ao longe
A senhora com a lata na cabeça
Equilibrando a lata vesga
Mais do que o corpo dita.

O que faz o equilíbrio cego
A lata não mostra
O corpo que entorta
Pra lata ficar reta

Pra cada braço uma força
De força não geme uma nota
A lata só cerca, não leva
A água na estrada morta

E a força nunca seca
Pra água que é tão pouca
Pra cada braço uma força
De força não geme uma nota

A lata só cerca, não leva
A água na estrada morta
E a força nunca seca
Pra vida que é tão pouca."

Vanessa da Matta & Chico César



Uma mulher idosa, lata na cabeça, água, pouca, braço, vida, seca, gême, morta, entorta, corpo... Vamos fechar os olhos, ouvir a canção, imaginar, sentir as vidas das mulheres e seus corpos encurvados, suas cabeças e braços carregando latas de água na cabeça, em caminhos, estradas sem segurança, em que seus corpos também são vistos como objeto de estupro. Cerca de 2,4 bilhões de pessoas no mundo não têm acesso à água potável e ao saneamento básico, representando um terço da população mundial, segundo dados da ONU. No Brasil, uma mulher é estuprada a cada 11 minutos, de acordo com o 9º Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, e 13 mulheres são assassinadas diariamente, conforme o Mapa da Violência 2015.

Precisamos compreender que há profundas conexões entre todos os seres vivos. O Ecofeminismo, que costura essas conexões, amplia a nossa fé para pensar a liberdade e o cuidado na perspectiva de justiça de gênero e justiça ecológica. É um desafio permanente integrar a dimensão coletiva e ecológica na compreensão da graça libertadora de Deus para toda a criação e não somente para a pessoa.

A reflexão de gênero compreende a biodiversidade criada por Deus e denuncia a ausência de amor e de justiça na vida de mulheres jovens e pessoas idosas e a destruição sistemática dos recursos naturais em benefício do capital financeiro. As situações que violam os direitos humanos e ambientais afetam também a nossa fé, pois a realidade grita que há muitos seres vivos em sofrimento, abandono e muitas dores físicas e espirituais.

AMÓS – profecia de Libertação

A profecia da vida em Amós ensina que Deus não representa os setores elitistas da sociedade, mas que vem para fazer a defesa das pessoas oprimidas. A intervenção de Deus na história declara Sua posição contra o sistema e as lideranças que exploram a vida do povo pobre. É nesse contexto que se encontra o versículo de Amós 5.4, Buscai o bem e não o mal, sendo também uma crítica para a religião, especialmente quando ela é manipulada para justificar espaços de poder dominante ou quando se cala diante das injustiças.

No mesmo capítulo, o profeta fala com liberdade sobre sua própria religião: *Aborreço, desprezo as suas festas, e com as suas assembleias solenes não tenho nenhum prazer...Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias das tuas liras. Antes corra o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene (Amós 5.21, 23-34).*

Falar de forma crítica sobre nós mesmas e nossos espaços religiosos pode ser visto como fazer mal e não o bem, ou fazer o bem? O mal maior é separar de um jeito

fundamentalista e permanente nossa liberdade de dialogar e interpretar de formas integradas os opostos da vida que se misturam e não se limitam aquilo que é ou não é na vida da gente.

Amós viu o bem e o mal no sistema religioso e político. A teologia feminista viu que a profecia precisava ser aprofundada porque a crítica política não incluía a crítica ao sistema patriarcal e isso não fez e não faz bem para a vida das mulheres. A ecologia e a teologia feminista se aproximam ao identificar que a violência contra a natureza e contra a vida das mulheres correspondem ao mesmo sistema patriarcal autor de desigualdades e controlador dos corpos das mulheres, da água, da terra. A lata não mostra o corpo que entorta!

Sejamos pessoas cuidadoras em nome da graça concedida por Deus para que toda a criação tenha direito de viver em condições dignas, para que a violência não sequestre os sentimentos que as conectam ao amor gratuito e incondicional de Deus. Que a vida não seja tão pouca!

Diálogos

Pela graça de Deus, somos livres para cuidar, suspeitar e perguntar:

- Quais as conexões entre a água e as mulheres afetadas pela violência?
- O que podemos fazer para que os corpos das mulheres, o corpo terra e água sejam libertados e cuidados?
- O que a IECLB já oferece e pode ainda oferecer às comunidades e instituições confessionais no que se refere à superação das violências?

Pa. Cibele Kuss
Secretária executiva da Fundação
Luterana de Diaconia – FLD

Mensagem da Presidência da IECLB para o Lançamento do Tema do Ano 2016 –
<https://www.youtube.com/watch?v=ytxq5P7A2Dk>

Assista ao vídeo da canção através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=ShRn-SE72rM>

GÊNERO COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO CULTURAL



HÁBITOS CULTURALMENTE CONSTRUÍDOS

Vamos iniciar nossa conversa falando sobre hábitos cotidianos. Há ações que aprendemos e que repetimos com certa frequência e regularidade, sem que tenhamos a necessidade de a todo instante decidir sobre se iremos executá-las ou não, como: tomar banho, escovar os dentes, tomar café da manhã, checar a caixa de e-mails, fazer caminhadas, ouvir música durante a leitura, secar o cabelo antes de sair, orar antes de dormir... De Norte a Sul pessoas assimilam hábitos que são incorporados à sua rotina. Podem ser hábitos saudáveis que ajudam a melhorar e prolongar a vida, mas também podem ser hábitos não saudáveis que diminuem e põem em risco a qualidade de vida. São hábitos que aprendemos com a família, com a escola, com as campanhas publicitárias, com a cultura e com a religião.

De forma geral, hábitos influenciam o nosso comportamento e determinam a nossa vida. Basta pensar nas práticas que envolvem o nascimento e a educação de uma criança. Como você arrumaria o quarto de uma menina? Que presentes você levaria para ela? E se fosse um menino? O quarto seria decorado da mesma forma? Os presentes seriam os mesmos? Por quê?

A ideia de que meninas são mais delicadas e frágeis do que os meninos e de que os meninos são mais agressivos e fortes do que as meninas está associada ao que é ensinado para ambos. Isso é o que chamamos de “construção social”. São verdades aprendidas e difíceis de serem questionadas ou retrabalhadas porque são vistas como “naturais”.

Essa construção de identidades feminina e masculina, em sociedades patriarcais, resultou em relações injustas e desiguais entre mulheres e homens, nas quais o exercício do poder de decisão, autonomia, ocupação de espaços de liderança e gestão – se mostrou desequilibrado.

A reflexão de gênero propõe justamente esse debate. Não se trata de uma imposição, mas sim de uma proposta que tem como base o diálogo sobre a igualdade e a justiça entre homens e mulheres. Porém, para que haja igualdade e justiça é preciso entender que as diferenças biológicas (sexo), não podem ser geradoras de desigualdades. Quando afirmamos que existem funções específicas para homens e mulheres e a valorização desse trabalho é diferenciada, estamos justificando relações desiguais e injustas. Isso é chamado de divisão sexual do trabalho, onde o masculino é mais bem remunerado, mesmo que exerça as mesmas funções com a mesma carga horária. Para identificar a presença dessa desigualdade tão naturalizada em nosso cotidiano, basta observar a nossa linguagem. Ela está sempre no masculino para designar o todo, homens e mulheres. E isso é algo comum, pois expressa o modelo no qual fomos ensinadas e ensinados ao longo da vida. Diante dessa realidade, a reflexão de gênero se apresenta como categoria de análise desta realidade, mas vai além e propõe mudanças significativas com vistas à transformação social e cultural rumo a um mundo mais justo. Isso implica em mudanças que reafirmem a necessidade de garantia dos direitos conquistados pelas mulheres, como também a aposta numa caminhada conjunta entre mulheres e homens rumo a uma sociedade com equidade de gênero.

Podemos dizer que diante de tamanha pluralidade e jeitos de ser, não é possível formatar pessoas dentro de um único modelo. Além do modelo social e culturalmente construído, precisamos considerar e respeitar as individualidades que constituem um lindo mosaico chamado diversidade na criação de Deus!

Pa. Carmen Siegle - Coordenadora de Gênero, Gerações e Etnias da IECLB
e **Rogério Oliveira de Aguiar** - Teólogo e assessor de projetos na FLD

Acesse o caderno Estudos sobre Gênero da IECLB através do Link: <http://www.luteranos.com.br/textos/estudos-sobre-genero>

Conheça a Política de Justiça de Gênero da FLD através do link: <http://www.fld.com.br/digi-shop/politica-de-justica-de-genero/>

Conheça a Política de Justiça de Gênero da Federação Luterana Mundial – FLM através do link: <http://www.luteranos.com.br/textos/missao-mulheres/politica-de-justica-de-genero-federacao-luterana-mundial>

Assista ao vídeo Igualdade de Gênero da ONU mulheres através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZCGLC-vziRc>

TRABALHANDO ALGUNS CONCEITOS



Algumas pessoas têm dificuldade em definir ou desconhecem determinados conceitos. Pesquisar sobre o assunto ou até mesmo conversar com quem entenda mais sobre ele pode ser uma boa maneira de não fazer confusões. Segue algumas definições que podem nos ajudar.

O **feminismo** é um movimento que acredita na igualdade social, política e econômica entre mulheres e homens. Poderíamos resumir dizendo que é a busca pela equidade de gênero, ou seja, pela igualdade de direitos e deveres, entre homens e mulheres. Feminismo é uma conduta política, social, cultural, que pode ser organizada a partir de movimentos sociais, coletivos, núcleos de pesquisa acadêmica ou espaços de militância. Muitas conquistas de direitos para as mulheres, como direito ao voto, a Lei Maria da Penha, a licença maternidade, o direito de estudar e trabalhar fora de casa, entre tantas outras coisas das quais as mulheres, por muito tempo, foram impedidas só foram possíveis através de lutas encabeçadas pelo movimento feminista.

Já o **machismo** é a concretização do convencimento da superioridade de homens sobre as mulheres, criando relações de dominação e opressão visíveis em várias atividades e práticas sociais e culturais.

No que se refere ao espaço ocupado por mulheres e homens no mercado de trabalho, observe quais são as profissões que predominantemente são ocupadas por homens e por mulheres. Caras leitoras e caros leitores, vocês acreditam que homens e mulheres são igualmente remunerados no exercício da mesma função? Você conhece a história de uma mulher que sofreu algum tipo de violência doméstica, assédio no trabalho ou

na rua? Já ouviu alguém dizer que homem que é homem não chora? Esses e tantos outros exemplos de violência e opressão, que ferem e matam homens e principalmente mulheres, são resultado de um modelo de sociedade machista.

Vocês já devem ter ouvido falar de **patriarcalismo** ou **patriarcado**. Trata-se de um sistema que apresenta uma organização de sociedade em que o pai/homem é o centro de poder na família e na sociedade, e isso se expressa na economia, na política, no trabalho e na religião. Nessa perspectiva, qualificam-se os homens como fortes, bons líderes, capazes de comandar e de pensar logicamente e bons administradores. Por outro lado, as mulheres são qualificadas como fracas, com dificuldade de liderar, propensas a mudar facilmente de ideia, muito emotivas, cuidadoras, boas ouvintes, mas também fofoqueiras.

Sexismo está relacionado à associação direta de determinadas características e capacidades de indivíduos ou grupos ao sexo. Esse discurso é responsável por perpetuar as desigualdades com base em papéis construídos para homens e mulheres de forma muito simplista e sem levar em consideração as potencialidades humanas, que não deveriam estar associadas ao sexo biológico. Piadas sexistas que supervalorizam um determinado gênero em detrimento de outro é um exemplo de como essa desigualdade tem sido naturalizada na sociedade. Se prestarmos atenção nas propagandas de cerveja e produtos de limpeza, por exemplo, veremos evidências claras de sexismo.

Androcentrismo é uma palavra que provém do grego Andros (homem) e define o masculino como representação global da humanidade, ocultando outras realidades, entre elas, a das mulheres. Um exemplo de androcentrismo é a utilização da linguagem no masculino como linguagem normativa. “Sejam todos bem-vindos” como forma de saudar um grupo em que também há mulheres ou até em que, muitas vezes, as mulheres são o público predominante. O uso da palavra “homem” para referir-se à humanidade é exemplo cotidiano dessa linguagem que exclui as mulheres. Já parou para pensar que, mesmo tendo um quadro muito maior de professoras nas escolas, todos os anos comemoramos somente o dia do Professor? E que as reuniões são reuniões de “pais” e a grande maioria das presentes são “mães”? Vamos refletir juntas e juntos sobre isso?

Ketlin Laís Schuchardt

graduanda em Teologia e bolsista de iniciação científica do
Programa de Gênero e Religião das Faculdades EST

Assista ao vídeo *juventude e equidade de gênero da REJU*:
<https://www.youtube.com/watch?v=8ltJozhyCYs>

Assista ao vídeo *MOC TV WEB - Equidade de Gênero na educação*:
<https://www.youtube.com/watch?v=8-WaU4S58ks>

Assista ao vídeo *Micromachismos: “están ahí, aunque a veces no queramos verlos”* através do link: https://www.youtube.com/watch?v=Co_z_CbjbHY

IDEOLOGIA DE GÊNERO: DESCONSTRUINDO (MAIS) UM MITO



Já faz parte do discurso comum afirmar que a maioria dos problemas sociais que enfrentamos podem ser resolvidos por meio da educação. Assim, podemos nos perguntar qual seria o papel da escola, por exemplo, na (des-)construção de estereótipos e preconceitos que são reproduzidos, diariamente, através não apenas dos veículos de comunicação, mas também de nossas conversas cotidianas. O Brasil apresenta dados alarmantes no que se refere à violência contra a mulher, como o fato de que, a cada uma hora e meia, uma mulher é morta. Os crimes decorrentes de conflitos de gênero são denominados feminicídios ou femicídios e evidenciam o cenário desigual e violento em que ainda vivemos, como mulheres, em âmbito nacional. Aqui caberia adicionarmos os dados que não são divulgados e, ainda, as violências implícitas sofridas, todos os dias, em ações de opressão e preconceito em relação a nossos comportamentos.

Alguns mitos e estereótipos são tão repetidos, ao longo da história, que acabam se tornando verdades difíceis de questionar. Nesse sentido, este texto se propõe justamente a proporcionar uma sucinta reflexão sobre um termo que, atualmente, vem sendo bastante utilizado no contexto brasileiro: **“ideologia” de gênero**.

Ideologia de gênero – o que é isso? Trata-se de um termo deturpado através de alguns discursos religiosos e conservadores, de forma equivocada ou intencional, com o intuito de confundir o real significado da proposta de justiça de “gênero”. A palavra “ideologia” também não é suficientemente explicada, nesse contexto, para que possamos compreender a que se referem esses grupos conservadores ao abordarem esse assunto.

No que diz respeito aos debates educacionais, o termo “ideologia” tem sido tão fortemente criticado e está tão fortemente difundido que fica parecendo que falar de gênero é uma ameaça à sociedade brasileira. Nem sempre ideologia é algo ruim ou coercitivo impositor como querem nos fazer acreditar. Conforme o filósofo e jornalista italiano, Antônio Gramsci: “A ideologia se manifesta nas ações e nas práticas, servindo inclusive para organizá-las, conserva a unidade de toda a sociedade”.

Mas será que isso é verdade? Podemos pensar junt@s sobre esse assunto. Os estudos de gênero, um campo interdisciplinar que envolve diversos aspectos sociais e políticos, têm como centro de suas lutas o combate à violência contra as mulheres e o empoderamento feminino com vistas à autonomia e à busca pelo respeito às diferenças. Esses estudos partem do entendimento de que a sociedade é diversa e plural. Assim, perguntamos: Seria possível entender a luta por autonomia e a busca por direitos como uma “imposição ideológica”? Seria essa luta uma ameaça à família e à sociedade? Acreditamos que não.

O empoderamento das pessoas e sua busca por se tornarem mais unidas parecem ameaça apenas àqueles que insistem em atitudes de dominação. Não há família e não há valores que serão prejudicados por reflexões e movimentos que nos levem ao questionamento das desigualdades e injustiças que atualmente enfrentamos em nossa sociedade. Isso é mito! Isso é o discurso de grupos conservadores que não se abrem para o diálogo e para a reflexão.

Por isso, acreditamos que os estudos de gênero, principalmente nos espaços educacionais, convertem-se em ferramentas democráticas de incentivo à discussão e ao aprendizado. Estamos em constante transformação, reconhecemos o que há por ser feito em relação às desigualdades entre mulheres e homens, mas também percebemos uma predisposição para o diálogo em muitos espaços. Falar sobre justiça de gênero na escola é problematizar as injustiças existentes e dar continuidade a uma caminhada, desde esse espaço educacional, em direção a um mundo mais fraterno e justo.

Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana
grupo formado por mulheres residentes em Blumenau-SC e
por diversas outras companheiras de todo o Brasil.¹

Assista ao vídeo empoderamento das mulheres - ONU mulheres através do link:
https://www.youtube.com/watch?v=6RSc_XYezig

Confira a palestra Chega de Fiu Fiu! Cantada não é elogio | Juliana de Faria | TEDxSao-Paulo.: https://www.youtube.com/watch?v=BpRyQ_yFjy8

Confira o vídeo “5 MITOS SOBRE A IDEOLOGIA DE GÊNERO” no canal Muro pequeno:
<https://www.youtube.com/watch?v=cQbfmY08gl4>

¹ O grupo se reúne mensalmente para reuniões de estudos e debates e organiza ações de intervenção na cidade e nas redes sociais. A mais recente delas foi a #OktoberSemMachismo – acesse informações sobre o evento através do link: <https://www.facebook.com/Coletivo-Feminista-Casa-da-Mãe-Joana-1107474819266484/?fref=ts>

IDENTIDADES DE GÊNERO: UMA DISCUSSÃO URGENTE E NECESSÁRIA



O termo “gênero” vem se tornando alvo de tristes embates. De um lado, alguns se pautam em sólidos argumentos na defesa de ações inclusivas e, de outro, muitos demonizam o termo sem saber, na maioria dos casos, o que realmente está envolvido na discussão sobre identidades de gênero.

Historicamente, o termo surge na década de 1950 e foi proposto para estudar papéis e condutas atribuídas a homens e mulheres. Na década de 1960, a diferença conceitual entre gênero e sexo foi melhor pesquisada, passando a ser definido “sexo” como o aspecto anatômico e fisiológico da espécie humana e “gênero” como o significado que cada sociedade atribui aos sexos. Assim, gênero seriam os aspectos socioculturais que poderiam impactar uma pessoa, tais como comportamentos, preferências, interesses, formas de se vestir, andar e falar, dentre outros.

Sob tal compreensão, percebe-se que a sociedade está configurada sobre normas pautadas

numa relação de poder em que o gênero feminino estaria ligado à submissão, enquanto o gênero masculino é enaltecido e valorizado. Mesmo havendo exceções, tornou-se comum a dualidade, na qual um gênero se sobrepõe ao outro como o mais forte, ocasionando um errôneo discurso de que a fragilidade e o “lar” caracterizam o feminino, resultando em situações de desigualdades e violências.

Tal contexto injusto, além de impedir a equidade de gênero, acaba também por discriminar uma diversidade de perfis e comportamentos humanos, de modo que, quando uma pessoa não se enquadra nas regras sociais estabelecidas sobre gênero e sexualidade, é vista como desviante de normas e sofre preconceitos, discriminações e até mesmo agressões. A humanidade, contudo, é extremamente diversificada, sendo necessária a inclusão de muitas pessoas que podem nascer em um sexo biológico, mas se sentir pertencente a um gênero distinto do esperado (por exemplo, uma pessoa que nasce com o sexo biológico masculino, mas se auto identifica com o gênero feminino, ou o contrário).

Adentrando ainda mais na complexidade da questão, é importante saber que identidade sexual, identidade de gênero e orientação sexual podem, ou não, ser concordantes entre si. Por essa razão, as normas sociais estabelecidas para a relação homem x mulher (que chamamos de relação binária, ou seja, que possui dois lados opostos que supostamente seriam complementares) não dão conta de explicar uma série de situações existentes. Essa não compreensão ou aceitação das diferenças pode levar à marginalização, à discriminação e à violência, naquilo que envolva homossexualidade ou transexualidade.

Obviamente este texto não explora os aprofundamentos necessários para se construir um sólido entendimento da complexidade presente nas identidades de gênero, mas é uma forma de alertar que o tema precisa ser pautado em diálogos e debates, sempre permeados pelo respeito e amor cristão, para que não caiamos em situações discriminatórias, uma vez que envolve, também, processos relacionados a vidas e vivências, muitas vezes, cheias de dores e angústias causadas pela violência e pela não compreensão ou não aceitação social. Portanto, como luteranas e luteranos, torna-se necessário e urgente buscar informações sobre a temática para que sejamos mais inclusivas e inclusivos no mandamento de amar ao próximo, lembrando sempre que “Deus não faz acepção de pessoas” (Atos 10:34), mas propõe “vida digna para todas e todos”, conforme o evangelho de Jesus Cristo (Jo. 10.10).

Degmar dos Anjos

Doutor em Psicologia Social e professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Membro do Movimento Inclusão Luterana

Confira o vídeo clipe HollySiz - The light através do link:
<https://www.youtube.com/watch?v=Cf79KXBCIDg>

Globo Educação: Diversidade Sexual na Escola:
<https://www.youtube.com/watch?v=fmAQxfA6nLA>

ANÁLISE DE GÊNERO ATRAVÉS DA MÚSICA



Você já pensou a respeito do que as músicas brasileiras expressam sobre as mulheres? E o que dizem sobre os homens? Será que os textos das músicas tratam as mulheres e os homens com respeito? Será que uma música pode induzir à violência contra as mulheres?

Desigualdades de gênero estão presentes em diversos lugares, inclusive na música. O imaginário popular que apresenta as mulheres como as únicas responsáveis pelo cuidado com o lar e com as filhas e os filhos, como figuras frágeis, sensíveis e submissas, ao mesmo tempo em que relaciona os homens com força física, preparo para o trabalho fora de casa, pouca sensibilidade, são ideias que foram e ainda são ensinadas de geração em geração através dos tempos. Essas ideias expressam as desigualdades de gênero que estão presentes em nossa sociedade e em nossas comunidades.

As canções brasileiras salientam essas desigualdades. Nas músicas infantis como Pombinha Branca, A linda Rosa Juvenil, Bam-ba-la-lão, Borboletinha, A Galinha Pintadinha, A Dona Aranha, Minhoca, Teresinha de Jesus, Passa, passa gavião, O Cravo Brigou com a Rosa, torna-se evidente a importância do casamento para as mulheres, como se a função principal de uma mulher fosse o casamento para se cumprir o papel social de mãe e esposa. Muitas músicas tratam de mulheres nas tarefas domésticas; nunca de homens. A canção “minhoca, me dá uma beijoca, não dou, então eu vou roubar”

mostra que “roubar um beijo”, caso a mulher não o queira dar, é algo permitido, ou seja, a vontade das mulheres não é respeitada. A importância da beleza também é frequente, como se as mulheres fossem um objeto de permanente beleza estética. Além do mais, são retratadas como frágeis, indefesas e submissas, e seus nomes aparecem frequentemente no diminutivo. Essas canções justificam e até incentivam a violência contra as mulheres. Já para os homens aparecem termos como senhor, doutor, galo, forte e rei. Essas ideias mostram que os homens têm mais poder e são mais fortes, e que podem usar esse poder e força para controlar as mulheres.

Músicas como Mulher Indigesta (Noel Rosa), Ajoelha e chora (Tchê Garotos), Entre tapas e beijos (Leandro e Leonardo), Tapa na cara (Saia Rodada), Faixa Amarela (Zeca Pagodinho), Ai, se eu te pego (Michel Teló), Gol Anulado (João Bosco), Só um Tapinha (Bonde do Tigrão) entre outras, reforçam a ideia das mulheres como submissas e dos homens como dominadores, bem como apresentam explicitamente situações de violência física.

Então, quando você escuta, canta ou dança uma música, você presta atenção em sua letra? Você já parou para pensar no texto das músicas que você canta, escuta ou dança? E se o texto traz preconceitos, induz à violência, trata as pessoas com desrespeito, reafirma a desigualdade de gênero?

É necessário questionar essas canções e afirmar que todas as pessoas merecem respeito, mulheres e homens. Todas as pessoas devem usufruir de uma vida digna, sem violência. Converse com seus amigos e suas amigas sobre o assunto. É o momento de analisarmos o que estamos ouvindo e cantando no nosso dia a dia. Que possamos cantar mais canções que falam de dignidade, amor, justiça, respeito, libertação e comunhão e não o contrário.

Seja uma multiplicadora e um multiplicador de reflexões sobre o assunto em seu grupo de jovens, na escola e nas rodas de conversa.

Luciana Steffen

Musicoterapeuta e doutoranda em Teologia na
Faculdades EST em São Leopoldo. Integrante do
Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG/EST)

Confira abaixo algumas sugestões de músicas com teor libertador e reflexivo que dizem não ao machismo e ao sexismo na música popular brasileira:

Desconstruindo Amélia – Pitty
<https://www.youtube.com/watch?v=PJVbXHSjeBk>

Pagu – Zélia Duncan e Rita Lee
https://www.youtube.com/watch?v=o_1vKrEPLI8

Masculino e Feminino – Pepeu Gomes
<https://www.youtube.com/watch?v=mcjvD0ljE3o>

VIOÊNCIA DOMÉSTICA NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

A violência doméstica pode acontecer em todas as classes sociais, grupos étnicos e raciais, orientações sexuais, religiões e faixas etárias, inclusive na juventude. No Brasil, estima-se que a cada dois minutos cinco mulheres são espancadas, e o parceiro ou ex-parceiro é o responsável por mais de 80% dos casos denunciados².

Para punir e prevenir a violência doméstica e familiar contra as mulheres foi sancionada, em 2006, a Lei no 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, a qual especifica 5 formas diferentes de violência, que são violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

O fenômeno da violência doméstica pode acontecer na forma de um ciclo repetitivo, que é chamado **Ciclo da Violência Doméstica**. Ele é dividido em três fases:

Tensão: toda a tensão vai se acumulando. A violência psicológica se faz presente através de xingamentos, ciúmes excessivos, humilhações, ameaças de morte e abandono, controle econômico etc. Esta fase pode durar de poucos dias a anos. Os conflitos não são resolvidos, criando um estado de tensão permanente até chegar na próxima fase.

Agressão: aqui acontece a descarga de toda a tensão acumulada. Esta fase normalmente dura de duas a 48 horas e é onde acontecem os danos físicos mais prejudiciais à mulher, podendo chegar até mesmo à morte.

Lua-de-mel: nesta fase, geralmente, ambos negam ou ‘justificam’ a violência ocorrida. O comportamento padrão do agressor é de mostrar-se arrependido, pedindo perdão e prometendo nunca mais cometer um ato violento; ou apenas fingir que não aconteceu nada, mas ficando carinhoso, trazendo presentes e fazendo promessas. A duração desta fase é curta, pois qualquer coisa pode ser um motivo para iniciar a fase da tensão, voltando ao início do ciclo novamente.

Conhecer as dinâmicas da violência doméstica auxilia na sua prevenção e na construção de novas relações. Se você conhece alguém vivendo em situação de violência doméstica, denuncie através da **Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180**. A ligação é gratuita e você pode ligar de qualquer lugar do Brasil, funciona 24 horas por dia, de segunda a domingo, inclusive em feriados.

²AGÊNCIA Patrícia Galvão. Dossiê Violência contra as Mulheres. Disponível em: <<http://www.agencia-patriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres/#dados-nacionais>>. Acesso em: 06 nov 2015.



Violência doméstica As provas estão aqui

Viver uma vida sem violência, fora ou dentro de nossos lares, é um direito de todas as pessoas. Não podemos aceitar a violência doméstica. Já não seremos mais cúmplices. Somos as jovens e os jovens que se comprometem a construir relações de respeito, amor e justiça entre mulheres e homens.

Daniéli Busanello Krob

MMusicoterapeuta e doutoranda em Teologia nas Faculdades
EST, assistente de pesquisa do Programa de Gênero e Religião
PGR e integrante do Núcleo de Pesquisa de Gênero/EST

Conheça a Exposição Nem Tão Doce Lar – NTDL – Uma metodologia diaconal de superação da violência doméstica e familiar desenvolvida pela FLD através do link:
<http://fld.com.br/page/nem-tao-doce-lar/>

Reportagem sobre a Exposição Nem Tão Doce Lar – NTDL na RBS TV – RS: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/bom-dia-rio-grande/videos/t/edicoes/v/saiba-como-combater-agressoes-contra-mulheres/3790526/>

Reportagem: “Violência doméstica e familiar é a principal causa de morte das mulheres no Brasil” – TV Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=V6ueUupwHw4>

VIOÊNCIA CONTRA JOVENS A PARTIR DE UM RECORTE ÉTNICO/ RACIAL E DE GÊNERO



É importante dizer que é grave a questão da violência contra a juventude negra no Brasil. Muitos movimentos sociais, coletivos e defensores dos direitos da juventude falam em “genocídio” quando se referem aos altos números de assassinatos de jovens negros. As edições do Mapa da Violência de 2011, 2012, 2013 e 2014 mostram que os homicídios no Brasil têm raça, gênero, endereço e faixa etária. São jovens de 12 a 24 anos, negros, de baixa escolaridade, homens, moradores de regiões periféricas.

No que se refere às mulheres, o relatório do Mapa da Violência de 2012 coloca o Brasil como o sétimo entre os países com maiores taxas de feminicídios por 100 mil habitantes – a maioria jovens, com idades que variam de 15 a 29 anos. Na última década, no Brasil, o número de mortes de mulheres foi de 43,7 mil.

Considerando as peculiaridades e os desafios face ao problema e relacionando-os às políticas públicas brasileiras, a realidade é especialmente alarmante para a juventude negra. Vivenciar a “condição juvenil” pelo jovem negro em nosso país é estar exposto a violações de direitos. Para Guimarães (2011, p. 311), “a experiência da juventude negra é fortemente marcada ainda pela desigualdade no acesso ao conjunto de direitos, o que vai moldando o seu lugar na estrutura socioeconômica nacional”.

Ainda assim, é preciso dizer que o Brasil avançou na formulação de políticas públicas vinculadas à juventude negra. Como exemplos, há a criação, em 2004, da Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), que tem como objetivo promover a igualdade e a proteção de grupos raciais e étnicos afetados por discriminação e demais formas de intolerância, com ênfase na população negra; o Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PLANAPIR), que busca promover a igualdade de acesso à cultura, à educação, à saúde, ao trabalho, aos direitos humanos, à segurança pública, ao desenvolvimento social e à segurança alimentar; o Estatuto da Igualdade Racial (Lei no 12.288/2010), que trata de políticas de igualdade e afirmação nas áreas da educação, cultura, lazer, saúde e trabalho, além da defesa de direitos das comunidades quilombolas e dos adeptos de religiões de matrizes africanas; o Estatuto da Juventude (Lei no 12.852/2013), que determina quais são os direitos das jovens e dos jovens que devem ser garantidos e promovidos pelo Estado brasileiro, independentemente de quem esteja à frente da gestão dos poderes públicos; e o Plano Juventude Viva, em 2014, que reúne ações de prevenção para reduzir a vulnerabilidade de jovens negros a situações de violência física e simbólica, a partir da criação de oportunidades de inclusão social e autonomia para os jovens entre 15 e 29 anos.

Mas ainda há muito o que se fazer para reduzir índices, uma vez que morrem mais de três jovens a cada hora e assistimos a constantes flagrantes de violência policial contra jovens negras e negros, na mídia e nas ruas, entre outras violências.

Luiz Carlos Rodrigues Parreira

*Psicólogo Especialista em Políticas Públicas
– Especialista em Gestão de Políticas Públicas
em Raça e Gênero – Programa Fica Vivo!*

Mapa da violência sobre extermínio da juventude no Brasil:

http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf

Diz Aí - Enfrentamento ao Extermínio da Juventude Negra – TV Futura:

<https://www.youtube.com/watch?v=GjuKhoG1UYU>

JUVENILIZAÇÃO DA EPIDEMIA DE HIV E AIDS

E AÍ GALERA, TUDO
BELEZA? VOCÊS JÁ
OUVIRAM FALAR DA
JUVENILIZAÇÃO DA
EPIDEMIA DE AIDS?

VAMOS
CONVERSAR UM
POUCO SOBRE O
ASSUNTO?

HIV e Aids Não São a Mesma coisa.

Para avançarmos na concepção do tema, é importante fazermos a distinção entre o que é HIV e o que é Aids. De forma equivocada, muitas pessoas se referem às duas siglas como se fossem a mesma coisa. Pessoas soropositivas são portadoras do vírus HIV. Não significa necessariamente que tenham desenvolvido a doença. O vírus pode permanecer durante anos no organismo humano em estado de encubação, ou seja, sem se manifestar.³

“**HIV** é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da Aids, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças”.⁴

Aids é o estágio mais avançado da doença que ataca o sistema imunológico. A Aids é consequência da ação do vírus HIV no organismo humano, que pode ser barrada com uso dos medicamentos antirretrovirais.

Breve Histórico da epidemia

A epidemia de Aids, no Brasil, começou a ganhar visibilidade no início da década de 1980, quando os primeiros casos foram sendo identificados nos grandes centros urbanos. Os chamados “grupos de risco” foram criados como uma categoria de análise para identificação de públicos mais vulneráveis. Essa divisão entre grupos mais suscetíveis à infecção pelo vírus HIV teve um peso social elevado. Os grupos eram, a princípio, constituídos por profissionais do sexo, homossexuais masculinos, pessoas hemofílicas e usuários e usuárias de drogas injetáveis. Estamos falando de parcelas historicamente discriminadas e que, com o surgimento da Aids, estavam vivenciando uma dupla estigmatização.





O Ministério da Saúde em parceria com organizações da sociedade civil lançou a campanha de incentivo ao **“Diagnóstico Precoce”**⁵. Estima-se que em torno de 150 mil pessoas vivam com o vírus e não sabem da sua condição de soropositiva⁶.

Os medicamentos que compõem o coquetel antirretroviral são medicamentos agressivos ao organismo humano e requerem um tempo de adaptação. Não é o mesmo que ingerir um simples analgésico; são medicamentos de uso contínuo e permanente. Por isso, a melhor opção ainda é a prevenção e o exame com vistas ao diagnóstico precoce.

JUVENILIZAÇÃO e FEMINIZAÇÃO da epidemia de Aids

A epidemia de Aids, nos últimos anos, tem crescido entre a população mais jovem. Pouco tem se falado sobre isso nos espaços de diálogo como igrejas e escolas. Falar sobre HIV e Aids é também falar sobre sexualidade e sobre o cuidado consigo e com as outras pessoas.

Atualmente a população mais vulnerável à infecção pelo HIV tem sido jovens na faixa etária dos 13 aos 24 anos. Esse fenômeno tem chamado a atenção de profis-

³ Para compreender melhor a ação do vírus HIV no organismo humano assista ao vídeo; <https://www.youtube.com/watch?v=B7ITZgag6w0>

⁴ Disponível em <http://www.aids.gov.br/pagina/o-que-e-hiv> acessado em 22 de novembro de 2015.

⁵ Para saber mais sobre o “diagnóstico precoce” consulte a página da Revista Corpore através do link: <http://revistacorpore.com.br/materias/medicina/alergologia-e-imunologia/diagnostico-precoce-da-aids-reduz-iscos-e-melhora-qualidade-de-vida> acessado em 21 de novembro de 2015.

⁶ Disponível em <http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/uma-em-cada-cinco-pessoas-com-hiv-no-brasil-nao-sabe-que-soropositiva-14708886> acessado em 22 de novembro de 2015.

sionais da saúde e militantes de movimentos sociais que atuam no enfrentamento à epidemia no Brasil.

O movimento feminista tem dado contribuições relevantes que possibilitam uma análise de gênero aprofundada no intuito de apresentar algumas das causas do crescimento da epidemia entre mulheres e meninas. Em alguns casos, o discurso machista e sexista tem sido um dos fatores responsáveis pelo aumento da infecção entre o público feminino. Muitas mulheres não se sentem seguras para negociar métodos preventivos com o namorado, parceiro ou marido, por não se sentirem donas do seu próprio corpo e da sua sexualidade.

Os movimentos que atuam na garantia de direitos da população LGBTTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Intersexuais) também buscam desenvolver trabalhos focados na conscientização para a prevenção, uma vez que as campanhas voltadas para esses e essas jovens estão disponíveis apenas nas redes virtuais. No Brasil, existe a **Rede Nacional de Jovens e Adolescentes vivendo com HIV e Aids**, que se converte em espaço de luta por direitos e acolhimento. A Juventude Evangélica (JE) tem um papel fundamental na divulgação de informações dentro e fora da comunidade. O testemunho do evangelho passa por ações concretas a favor daqueles e daquelas em situação de sofrimento ocasionado pela discriminação e pelo preconceito.

Rogério Oliveira de Aguiar

Teólogo, assessor de projetos na
Fundação Luterana de Diaconia (FLD)

SAIBA MAIS SOBRE O ASSUNTO ATRAVÉS DOS VÍDEOS SUGERIDOS:

Vídeos - Histórias Positivas - Jovens com HIV: Sonhar é possível -
<https://www.youtube.com/watch?v=zeceKrMOzOI>

UNICEF - Fique Sabendo Jovem – com Daniela Mercury
<https://www.youtube.com/watch?v=4FR12uZcKGc>

Dia Mundial de Combate a Aids – Incentivo ao diagnóstico precoce
<https://www.youtube.com/watch?v=No-LwveVcA8>

Matéria sobre o Dia 01 de dezembro – FLD
<http://www.fld.com.br/blog/dia-mundial-de-luta-contra-a-aids-epidemia-cresce/>

GÊNERO, PUBLICIDADE E MÍDIA



ESTAMOS EM 2016...

Produtos de limpeza, gêneros alimentícios, marcas de cerveja, higiene pessoal, lingerie... Parece que pode se passar mil anos, mas as mulheres permanecerão sendo apresentadas nessas publicidades a partir de estereótipos clássicos e sexistas.

Mesmo com as constantes ressignificações de paradigmas, a publicidade ainda exalta a família “margarina” e a mulher sensual nas propagandas de cerveja. A publicidade é o retrato da sociedade em que ela está inserida. Ainda respiramos o machismo.

Em fevereiro de 2015, a marca de cerveja Perro Libre lançou um vídeo, perguntando a 12 pessoas, mulheres e homens, “O que é uma cerveja para mulher?”. Na sequência, as pessoas foram perguntadas “E o que é uma cerveja para índio? E para homossexual? E para negro?” Todas e todos os entrevistados acabam se dando conta de que a diferenciação de cerveja para mulheres não fazia sentido.

“É importante não esquecer que o discurso publicitário não é autônomo, não tem vida própria: quando a publicidade fala, nós também estamos falando. A publicidade está inserida na cultura e não fora dela, de modo a observá-la de um lugar distanciado para, aí sim, ser elaborada. O discurso publicitário constitui-se de práticas cotidianas exercidas na sociedade. Ele está imerso em tais práticas, é nelas que encontra objetos para construir sua própria materialidade”.⁷

A publicidade retrata as práticas existentes na sociedade, incluindo os comportamentos machistas. No entanto, é preciso considerar o processo de transformação social e comportamental das mulheres, que vem sendo modificado nos últimos anos. Na contramão dessas conquistas, a exposição de preconceitos e a análise dos anúncios publicitários proporcionam a reflexão de como a publicidade articula a ética e a questão de gênero em suas abordagens.

“Antes de falarmos sobre publicidade machista, temos que falar sobre machismo na publicidade” argumenta a diretora de criação, Thaís Fabris, idealizadora do projeto 6510, que discute o papel da mulher na publicidade. “O ‘65’ vem do dado de uma pesquisa do Instituto Patrícia Galvão, que aponta que 65% das mulheres brasileiras não se identificam com a publicidade e com a forma como são retratadas pela publicidade. O número ‘10’ é de uma pesquisa que nós fizemos e que mostrou que apenas 10% dos criativos (profissionais da área de criação), dentro das agências brasileiras, são mulheres. E é na criação que as campanhas são feitas”.

Iniciei com a resposta dada pelo primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, a um repórter sobre o motivo de seu governo ter igual número de homens e de mulheres: “Porque estamos em 2015” – oportunidades para mulheres e homens, espaço para mulheres e homens. Esperamos que publicidade passe a atentar-se a isso, e deixar de reforçar os estereótipos, especialmente no que se refere às mulheres. A publicidade deve encontrar um novo jeito de fazer propaganda. Uma maneira mais inclusiva e que esteja comprometida com as lutas e conquistas das mulheres em diversos setores e áreas do conhecimento é necessária.

Débora Ludwig

Artista Visual e pós-graduada em
História da Arte: Teoria e Crítica

LINKS DOS VÍDEOS:

Cerveja sem rótulo. Sem coleira - <https://www.youtube.com/watch?v=ozR7vR6Xayc>

The Unfair Menu - <https://www.youtube.com/watch?v=jjql3XzuqOM>

⁷ SABAT, R. *Gênero e sexualidade para consumo*. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 149-159.

CYBERBULLYNG – VAMOS CONVERSAR SOBRE O ASSUNTO?



“Cyberbullying” é a modernização de algo que nós já conhecemos. Trata-se de um conjunto de práticas que envolvem o uso de tecnologias de informação e comunicação para dar apoio a comportamentos ofensivos, de caráter deliberado, repetidos e hostis, praticados por um indivíduo ou grupo, com a intenção de prejudicar outra pessoa. Infelizmente, essa prática tem se tornado cada vez mais comum na sociedade, especialmente entre jovens.

“Cyber” nos remete às novas formas de comunicação: internet, redes sociais, “whatsapp”, compartilhamento instantâneo de vídeos e fotos, enfim, todas as ferramentas que existem e que ainda vão ser inventadas que tornam a vida e as relações mais rápidas e intensas. “Bullying” é a violência verbal, psicológica e até física praticada por agressoras e agressores contra pessoas supostamente mais tímidas, sem interesse por esportes, fora do padrão estético imposto socialmente, pessoas negras, pessoas com deficiências e a população LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros).

O cyberbullying é a forma mais moderna e cruel de algo que estamos acostumadas e acostumados há muito tempo em nosso ambiente escolar: a segregação, acompanhamento de violência física, verbal e psicológica.

Esse problema se agravou nos últimos anos justamente pela velocidade e pela potência com que a internet traz as informações: como hoje tudo é mais ágil e acessível, tanto coisas boas como agressões vêm como uma avalanche, começando em um ponto, ganhando força e, no final, com potencial enorme para destruição.

Ferramentas de comunicação de utilidade singular infelizmente ocupam um ingrato espaço de destaque na potencialização da agressão. Pesquisas mostram que o cyberbullying começa geralmente aos nove anos, atinge até 35% das crianças em idade escolar, sendo que 58% das vítimas não contam sobre a agressão para nenhuma pessoa adulta.

As consequências para quem sofre a agressão são inúmeras e até imprevisíveis em certo ponto. Geralmente, existe a necessidade de troca de escola e de acompanhamento psicológico. Como resultado das agressões, são comuns casos de depressão, além de uma marca na autoestima e na personalidade da pessoa que dificilmente será apagada.

Qualquer pessoa, hoje, possui um celular que consegue filmar, com boa qualidade, ataques e agressões, assim como tirar fotos íntimas, produzir mensagens agressivas, além de disseminar esses conteúdos de forma incontrolável.

Cada vez mais, em nossas comunidades, grupos e escolas, precisamos falar sobre cyberbullying. É preciso saber como e onde denunciar, no caso de pessoas jovens ou adultas serem as autoras, e viabilizar acompanhamento profissional para crianças e adolescentes praticantes e vítimas de bullying.

Paulo Roesler
advogado e presidente da Paróquia
Centro / São Paulo / IECLB.

Assista ao vídeo do Teatro Paulista dos Estudantes - TPE sobre cyberbullying através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=48Qr7pABgwA>

Reportagem sobre bullying e cyberbullying na escola - <https://www.youtube.com/watch?v=3C9sZHCX-gY>

Definição de cyberbullying - <http://www.significados.com.br/cyberbullying/>

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Queremos que a Cartilha Criatividade – pela Justiça de Gênero abra corações e mentes, traga informações e formação para todas e todos. Que sirva de subsídio para liturgias temáticas em cultos e em todos os espaços da IECLB e também fora dela.

Sejamos sal e luz no mundo e exerçamos a voz profética em prol da justiça em todos os âmbitos e neste momento voltemos nossas orações e ações, fundamentalmente, em favor da justiça de gênero.

Apoio:



**Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil**

Realização:

